# CONIMBRICA

LETRAS E ARTE CRITICA

# Livraria F. França Amado, S.or

LISBOA — PORTO — COIMBRA

RUA DE FERREIRA BORGES, 103 A 111

## COIMBRA

ENCADERNAÇÕES EM TODOS OS GÉNEROS

: ARTIGOS DE PAPELARIA E ESCRITÓRIO :

: : : FORNECIMENTOS PARA ESCOLAS : : :

EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS, SIMPLES E DE LUXO, COM A MAIOR RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

## Ultimas publicações

Eugénio de Castro — *Camafeus Romanos.*
» » » — *Tentação de S. Macário.*
» » » — *Canções desta negra vida.*
» » » — *Cravos de papel.*
Mafalda de Castro — *Botões de Rosa.*
Rocha Martins — *A Independência do Brasil.*
Teixeira de Pascoais — *O Bailado.*
» » » — *Cantos Indecisos.*
» » » — *Poetas Luziadas.*
» » » — *Maranos.*
César de Frias — *Nossa Senhora Eva* (versos).
» » » — *Grandes Núpcias* (romance).
João Ameal — *Em voz alta e em voz baixa.*
» » — *Os olhos Cinzentos.*
» » — *Religião do Espaço.*
Hipólito Raposo — *Caras e Corações.*
» » — *Seara Nova* (romance).
Vicente Arnoso — *Cantigas e mais cantigas.*
Conselheiro Dr. António Cabral — *Terras Longinquas.*
Armando Ferreira — *Crónicas de Viagem.*
Dr. Bettencourt Rodrigues — *Medicina e Médicos.*
Mario Saa — *Poemas heroicos de Simão Vaz de Camões.*
» » — *Camões no Maranhão.*
Dr. Marnoco e Sousa — *Das Letras, livranças e cheques*, vol. I (2.ª edição).
Dr. Mendes dos Remédios — *História da Literatura Portuguesa* (5.ª edição).
Dr. Pacheco de Amorim — *Geometria* (3.ª, 4.ª e 5.ª classes dos Liceus).
António Sardinha — *Na Côrte da Saudade.*
» » — *Chuva da Tarde.*
Henrique Trindade Coelho — *Prosas e versos de Belchior da Nóbrega.*
Dr. Fernando de Vasconcelos — *Os progressos da Indústria Agrícola no Brasil.*

DEP. LEG.

# CONIMBRIGA

Revista mensal de Arte, Letras,
✠ ✠ ✠ Sciências e Crítica ✠ ✠ ✠

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

## GRUPO FUNDADOR

VALDEMAR DA SILVA LOPES — DIRECTOR - GERENTE
CAMPOS DE FIGUEIREDO — » - LITERÁRIO
DR. GERMANO VIEIRA — » - ARTISTICO
ANTÓNIO GOMES D'OLIVEIRA — SECRETÁRIO E EDITOR

R. 84010

ANO I COIMBRA N.º 1

17 DE MARÇO DE 1923

Composto e impresso na LVMEN
R. Ferreira Borges - COIMBRA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Abílio Roque — COIMBRA

# SUMÁRIO


ANTES...

MAU FADO — *Augusto Gonçalves.*

INCENDIO — *Teixeira de Pascoais.*

PÁGINA BÁRBARA — *Augusto Casimiro.*

ARGEL — *Afonso Lopes Vieira.*

MÁXIMAS — *Antonio Ferreira Monteiro.*

O CANTAR DO GRILO — *Correa Calderon.*

SAUDADE — *Valdemar Lopes.*

DIÁLOGO DO REI E DO MENDIGO — *Campos de Figueiredo.*

SOBRE A PINTURA DE VÁZQUEZ DIÁZ — *Vitorino Nemésio.*

CRÓNICA — *Gomes d'Oliveira.*

PRELÚDIO — *Menezes Cardoso.*


DESENHOS de Vázquez Diáz, de José de Seabra e G. Vieira.

CAPA — Gravura em madeira, de G. Vieira.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Correia d'Oliveira, Raul Brandão, Eugénio de Castro, Garcia de Vasconcelos, Moreira de Sá, Vergilio Correia, João Ameal, Alberto Sousa, Fausto Gonçalves, etc.

# antes...

Uma árvore de grande circunferência nasceu de uma raís tão delgada como um cabelo; uma torre de nove andares saiu de um punhado de terra; uma viagem de mil léguas começou por um passo.

LAU-TSEU.

---

*A revista aí está. Realisámos o que ontem era ainda uma utopia, sem o estrepitoso espalhafato dos anúncios ridículos e do reclame habitual. Desde o início assentámos sempre em que o nosso programa fosse exposto em poucas palavras, mas claras. No nosso país toda a gente sabe que os autores de programas eloqüentes fazem lembrar uma "locomotiva que gastasse toda a sua energia a apitar, ficando depois sem fôrças para mover as rodas". Entendemos que o programa consiste nestas palavras: Arte, Letras, Sciência e Crítica.*

*Literáriamente, não nos apresentamos com a pretensão estulta de reformar a literatura nacional. Ela se reformará por si, como históricamente tem sucedido, a dentro das leis da evolução natural, sem a intervenção de mentores e orientadores improvisados. Nem mesmo seriamos nós — humildes moços cuja maior e mais louvável qualidade consiste na boa vontade que nos anima e na intenção rasoável e cheia de fé de conseguirmos aquilo que os competentes e famigerados bonzos das letras pátrias não conseguem realizar — nem mesmo seriamos*

---

*nós quem viria iniciar uma nova escola, bussolando os náufragos da literatura moderna.*

*Seremos simples e claros para que ninguém possa acusar-nos de que "turvamos as nossas águas para que elas pareçam muito profundas". Falta-nos o* génio, *aquele poder de criação que só é dado aos deuses; por isso não pretendemos atingir as grandes altitudes do pensamento transcendente.*

*Em arte pretendemos mostrar que em Coimbra há revelações de incontestável merecimento, artistas dignos da maior admiração. Ninguém tem o direito de exigir melhor, se pensar que todos êles têm sido mestres de si mesmos!*

*Em matéria de sciência, não nos propômos* inventar a noite escura. *Os problemas scientíficos serão aqui tratados por quem tiver autoridade e competência para tal, tornando-se responsável pelas suas afirmações.*

*E agora cá estamos.*

*Seremos imperfeitos? Mas quem há aí que nos atire a primeira pedra?*

# MAU FADO

ÊSTE título *Conímbriga* é um programa. Pelas suas paisagens, os seus edifícios, a sua história, as suas lendas, a sua literatura, a sua poesia, a sua arte, seria a mais atraente cidade portuguesa, se os atentados dos bairristas a não tivessem despojado da sua fisionomia antiga e pitoresca.

Destruíram-lhe os monumentos medievais, em filáucias de progresso, para lhe dar um aspecto de civilisação brilhante.

O último foi a igreja romaica de S. Cristóvam. E S. Tiago salvou-se pelo escândalo!

Era uma cidade da Renascença, que durante um século aqui produziu a mais formosa estatuária. E, em arquitectura, ergueu construções admiráveis e únicas.

E todas essas opulências da grandesa passada foram aniquiladas. E o que resta vai desaparecendo dia a dia, numa senha pavorosa de insensibilidade e inconsciência!

Nem admira. Sabe-se que a educação de arte é banida nas escolas. Homens de cultura vasta e de sociedade nunca no espírito lhes passou o clarão emotivo de uma impressão de arte. Ministros de estado e altos burocratas nunca entraram num museu!...

País singular!...

Êste mal geral, em Coímbra, atinge esgares burlescos. Com o devido respeito, basta ver nas folhas os lampejos scintilantes de crítica, que segregam os missionários da arte, a propósito de todas as florescências do talento indígena!...

A aspiração do Turismo, como fonte de prosperidade, penetrou em Portugal e estendeu-se facilmente. Mas a realização prática caíu logo nos moldes da lusitana. Criou-se uma grande e ociosa repartição do estado, ¡e traçaram-se projectos mirabolantes!

Em Coímbra brotou a Sociedade de Propaganda, pródiga de iniciativas. ¡Inventou o célebre triângulo e o mirante de Penacova, que é o potente magnete, para a atracção do estrangeiro!...

Mas, com a ligeireza com que aplaudimos as coisas vagas e confusas, haverá quem pasme dêste caso jocoso e desconhecido, que vou citar:

— Pelo decreto, n.º 4700, na classificação das — Terras do turismo, — Coímbra figura na 2.ª classe, entre Caxias e a Cruz Quebrada!... a par das Têrmas dos Cucos e Unhais da Serra!!!...

¡E a Propaganda, a imprensa e todos nós contentíssimos!...

A. AUGUSTO GONÇALVES

# INCÊNDIO

Emana um fumo de alma
O crepitar do lume;
O incêndio de uma flor
Dá a cinza do perfume.
O corpo de uma onda
É o líquido brazeiro
Que escala, numa ânsia,
O branco nevoeiro.
A rama dos pinhais
Onde o luar se perde
Sôbre os montes espalha
Uma fogueira verde.
Nas formas de um penedo,
Há chamas escondidas;
Brilham na noite escura
As rezas acendidas.
E vejo um lírio aceso
Em rósea labareda.
A noite leva a arder
O hábito de seda.
O orvalho tem no seio
Um riso incandescente.
A creatura humana
É fogo intimamente...
Eis o incêndio supremo
E santo da Matéria,
Donde sai uma luz
Anímica e sidéria...

TEIXEIRA DE PASCOAIS

# PÁGINA BÁRBARA

A FILA dos carregadores já vai longe. Sob o Sol que esmaga, arde o caminho branco... Nem uma aragem... E orlando o caminho, o capim ressêco é um lago de oiro estagnando ao Sol.

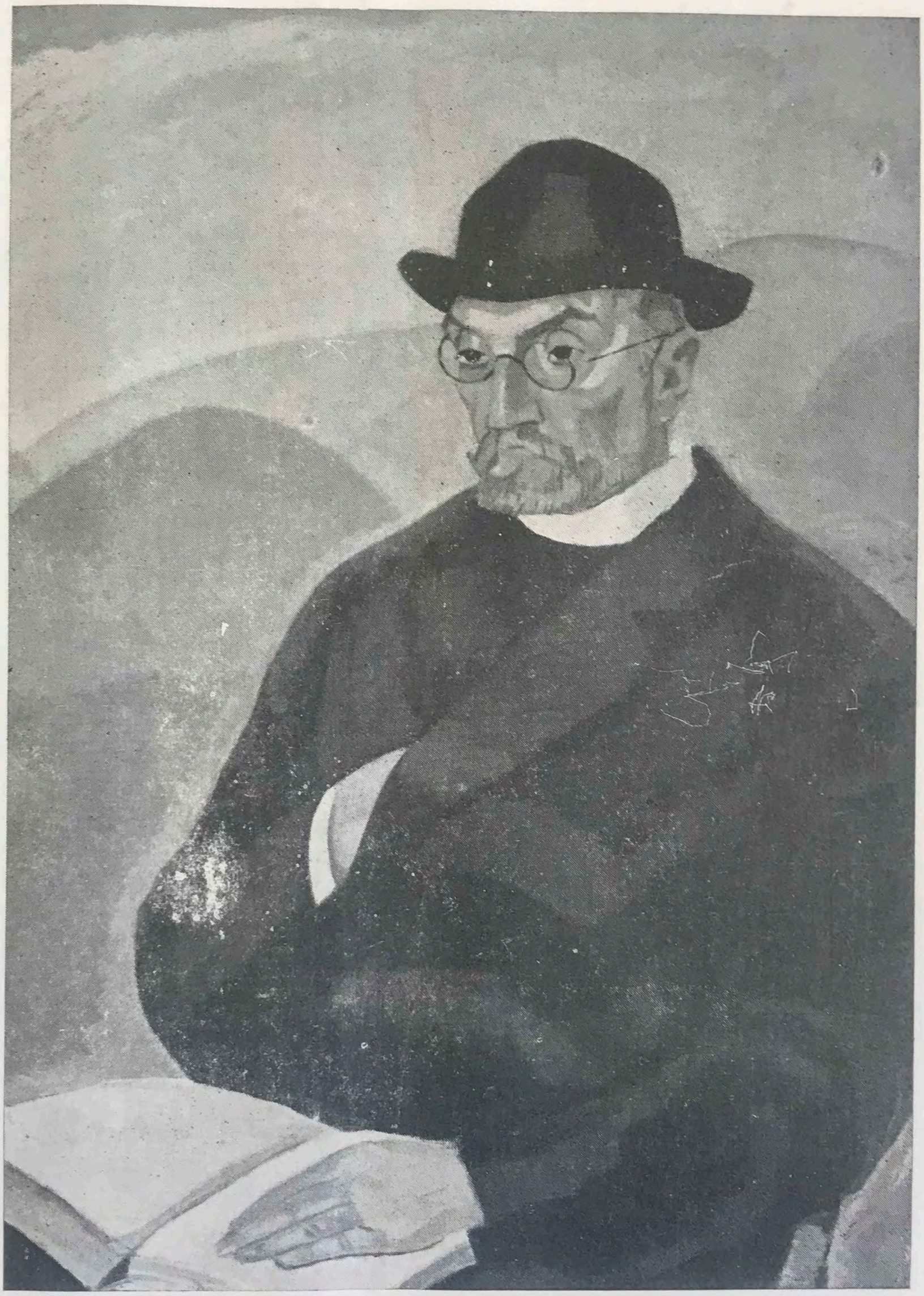
* * *

Meneando as ancas no mole avançar da marcha, à cabeça a *quinda* leve e um bordão alto de junco na mão dextra, uma mulher segue, longe da caravana, amórada, retardando...

Do busto, à altura dos seios, cai um pano berrante, cingindo as curvas fartas, modelando a esbeltês selvagem dum corpo harmonioso e preguiçoso. Na areia do caminho, as pègádas pequenas quási se arrastam...

O branco vem perto... Longe vai a caravana... Orla o caminho o mato virgem com recessos inviolados... Nem uma aragem... Na harmonia da marcha o corpo dela rescende acre desejo, — tenta... O rolar das ancas, intencionado e languido, prende as pupilas, seca os lábios, ergue num rodilhão o sangue moço, acendendo tumulto... Em roda, o meio dia sob a luz apoplética, arfa, congestionado...

Sob o pano vivo, no compasso da marcha, vão os olhos tacteando, sofregos, modelações de ardência...



RETRATO DE UNAMUNO

Famosa pintura do ilustre artista Vasquez Diaz

(MUSEU DE BILBAO)

* * *

Frente a frente, o estranjeiro e ela encaram-se um momento. Êle é da raça dos dominadores, dos que incendeiam e arrazam, dos que curam doentes e protegem o negro. É branco, e daqueles que escravizam o desejo sem limites, a justiça serena. É o senhor que nada teme. O que nunca, à gente da raça dela, deu o espectáculo dum vencido implorando perdão. É o branco, o que ensina aos *muguengos*, aos *helamatari* e a todos, o caminho da África, e lhes deu a Terra sem lhes dar coração ...

Ela é a fémea duma raça dominada em que se apavoram ainda, memórias de passadas tiranias.

A fôrça brutal subjuga-lhe a embrionária alma.

A brutalidade fascina-a, o odor acre do sangue e a embriagante luz do meio dia espicaçam a sua puberdade, geram ânsias famintas de ferozes lascívias. Domina-a o pavor e o cio, muito longe, nas entranhas ardentes do seu ser primitivo. E à flor do seu entender, sobrenada, tentando, a lembrança de generosas dádivas. É generoso o branco. Mulher que êle desnude, veste-a depois de galas, cinge-a de panos lindos. E pela voz do branco, pela voz rouca e opressa, falou o desejo ...

Ela é todo o horror de uma recusa. Os olhos protestam, a cabeça vibra sôbre os ombros contraídos, — uma negativa violenta:

— Ah! *Duma! Chico!* ...

E é um horror sagrado o que ela parece dizer nas palavras desvairadas, cingindo os seios redondos com as mãos como garras.

Brutalìssimamente, nas artérias vibrantes, o sangue bate compassos de catapulta.

A luz violenta distila excitações, num espasmo.

A montada agora avança mais rápida, quási toca a amórada caminhante...

Num sobressalto, segurando a *quinda,* com as mãos em asa de ânfora numa corrida súbita larga o caminho, deixa o bordão cair...

Depois, num receio sem causa, volta a cabeça e olha... Os olhos dela, felinos e de fêmea em cio — pávidos, hostilizam e animam...

Sob o pano firme tremem os seios rijos. Um arôma acre passa na luz ardente.

Adivinham-se, erectos, vibrantes, os bicos dos peitos sob o pano firme. A expressão do rosto é inimiga e estranha. Mas nos olhos selvagens, no esbraseado escuro da pupila vogando em brancura, há uma promessa hostil de volúpia, uma espectativa de violência seduzindo a irritar de desejo e, num receio, a entregar-se, excitando.

* * *

Muitas vezes, quando a luz morria numa agonia plácida, pelos crepúsculos ligeiros, se desundara aquele corpo sôbre os tapetes da sua tenda errante. Silenciosa ela vinha, como a luz partia. A pequenina tenda vira a brônzea escultura silenciosa, de geitos moles e felinos, dando-se ao desejo bárbaro do estrangeiro... Horas sem alma em que se escuta o sangue martelando artérias... Horas rudes, sem alma, em que o estrangeiro busca, cheio de sêde, uma sombra de água, que a sua vida, sem carinho e sósinha, como um órfão exige...